

FREDDY SILVA

Os Grandes Mistérios da Iniciação

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2019

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Copyright © 2017 Freddy Silva

Todos os direitos reservados. Publicado originalmente nos EUA por Inner
Traditions International, Rochester, Vermont.

Título: *Os Grandes Mistérios da Iniciação*

Título original: *The Lost Art of Resurrection – Initiation,
Secret Chambers, and the Quest for the Otherworld*

Autor: Freddy Silva

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Miguel Antunes

Capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Imagens de capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 461233/19

1.ª edição: outubro de 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na Lei.

À Divina Virgem

Raspem um cristão e encontrarão um pagão estragado.

ISRAEL ZANGWILL

ÍNDICE

Um conto de fadas escocês	11
1. Uma nobre tradição recentemente suprimida	13
2. O mito da ressurreição	17
3. O que é a iniciação?	25
4. Primeiros seguidores do Caminho	37
5. O Outro Mundo dos celtas	71
6. Segredos da colmeia	91
7. Cinquenta sombras de gnosticismo	107
8. A câmara nupcial secreta	123
9. O que acontece no Médio Oriente fica na América Central ..	133
10. Estranhos de Nazaré	153
11. Dentro da grande pirâmide e rumo ao Outro Mundo	165
12. Iniciação egípcia	175
13. Como viajar para o Outro Mundo e voltar vivo, ou os <i>Textos das Pirâmides</i>	185
14. O faraó deixou o edifício	193
15. Homens verdes, cavaleiros brancos	203
16. A ciência do Outro Mundo	219
17. A metamorfose da alma	229
Notas	235
Bibliografia	245

Um conto de fadas escocês...

Em Nithsdale, morou em tempos uma mulher a quem foi permitido, com o auxílio das fadas, ver os espíritos dos mortos no Outro Mundo. Foi assim que aconteceu.

Um dia, estava sentada em casa a fiar lã. O bebé encontrava-se deitado num berço perto dela, escutando o sussurro suave da roca e o canto doce da mãe. De repente, ouviu-se um restolhar, como de folhas mortas ao vento, junto à porta. A mulher ergueu os olhos e viu uma bela dama, vestida de verde e carregando um bebé. Entrou e, sorrindo docemente, perguntou: «Cuidarás do meu lindo bebé até que eu regresso?»

A mulher respondeu: «Sim, fá-lo-ei.» Tomou o bebé nos braços e a dama partiu, prometendo regressar. O dia passou e a noite chegou, mas ela não voltou para levar a criança. A mulher muito se admirou, porém mais se admirou na manhã seguinte quando acordou e encontrou junto à cama belas roupas novas para os filhos e uns bolos deliciosos. Sendo muito pobre, ficou contente por vestir roupas novas aos filhos, e por descobrir que lhes serviam bem. Os bolos eram de pão de trigo e sabiam a mel. As crianças deliciaram-se a comê-los.

A dama não voltou nesse dia nem no seguinte. Passaram semanas, e a mulher cuidou da estranha criança. Decorreram meses, e, ainda assim, a dama manteve-se afastada. Muitas manhãs, encontrava bolos de trigo com sabor a mel em casa, e quando as roupas das crianças estavam quase gastas, eram-lhes providenciados novos trajes, tão misteriosamente como antes.

Chegou o verão, e uma noite a dama, vestida de verde, voltou a entrar na casa. Uma criança que brincava no chão estendeu as mãos para agarrar as brilhantes lantejoulas prateadas que lhe adornavam o vestido, mas, para sua surpresa, as mãos atravessaram-nas como se fossem raios de sol. A mulher viu isto e soube que a visitante era uma fada.

Disse a dama das fadas: «Foste bondosa para o meu lindo bebê; levá-lo-ei agora.»

A mulher teve pena de se separar da criança e respondeu: «Tendes direito a ela, mas amo-a muito.»

Proferiu a fada: «Vem comigo, e mostrar-te-ei a minha casa.»

A mulher saiu com a fada. Atravessaram juntas um bosque, e depois começaram a subir uma colina verde do lado ensolarado. A meio da subida, a fada disse algo que a mulher não entendeu. A relva no talude à frente delas ergueu-se e revelou uma porta. Esta porta abriu-se e as duas passaram o umbral. Quando o fizeram, a relva desceu e a porta fechou-se. A mulher deu por si numa câmara vazia e fracamente iluminada. «Agora verás a minha casa», informou-a fada, que tirou do cinto um cálice contendo um líquido verde. Deitou três gotas no olho esquerdo da mulher e ordenou: «Olha agora.»

A mulher olhou e encheu-se de espanto. Um belo campo estendia-se à sua frente. Havia colinas verdes rodeadas de árvores, regatos cristalinos a reluzir ao sol e um lago que brilhava como prata polida. Entre as colinas, estendia-se um campo de cevada madura. A fada deitou então três gotas do líquido verde no olho direito da mulher e disse: «Olha agora.»

A mulher olhou e viu homens e mulheres que conhecera em tempos passados, cortando a cevada e colhendo frutos das árvores. Exclamou: «Vejo muitos que em tempos viveram na Terra e há muito estão mortos. O que fazem eles aqui?»

A fada respondeu: «Estas pessoas sofrem o castigo pelos seus atos malvados.»

Dito isto, a fada passou a mão sobre os olhos da mulher e a visão de colinas verdes e campos de colheitas e ceifeiros desapareceu de imediato. Deu por si de novo de pé na câmara vazia e fracamente iluminada. Então, a fada ofereceu-lhe tecido e unguentos e, conduzindo-a à porta, despediu-se dela. A porta abriu-se, a relva ergueu-se, a mulher deixou a morada da fada e voltou para casa. Durante algum tempo, manteve o poder de ver as fadas enquanto andavam perto da sua casa. Mas, um dia, falou com uma delas, que lhe perguntou: «Com que olho me vês?» Respondeu a mulher: «Vejo-te com os dois olhos.»

A fada soprou-lhe para os olhos e perdeu-se de vista. Nunca mais a mulher voltou a contemplar as fadas, pois o poder que lhe havia sido dado foi-lhe tirado pela fada com quem falara.¹

Capítulo 1

UMA NOBRE TRADIÇÃO RECENTEMENTE SUPRIMIDA

O texto chama-se *Tratado da Câmara Oculta*. O seu conteúdo forra as paredes de um labiríntico túmulo de passagem subterrânea de 1470 a. C. atribuído ao faraó egípcio Tutmósis III.

O texto é uma cópia fiel de um relato original compilado mil anos antes e fornece instruções sobre como avançar para o Outro Mundo, um sítio tão real para os egípcios como o mundo físico. Porém, ao contrário do mundo físico, que é governado pelo tempo e pela decadência, este lugar paralelo existe fora do tempo; é presente e eterno e simultâneo ao físico, como duas serpentes entrelaçadas num poste. Os egípcios chamavam-lhe *Amduat*.

O Amduat imiscui-se no mundo dos vivos. É o lugar de onde todas as formas físicas se manifestam e para onde regressam. É uma componente integrante do nascimento, da morte e do renascimento. Só através de uma experiência direta do Amduat é que uma pessoa pode entender plenamente as forças operacionais da natureza, cujo conhecimento se dizia que transformava um indivíduo num *akh* – um ser radiante com «iluminação espiritual interior».

Todas estas instruções cobrem de forma ordenada paredes, passagens e câmaras da sepultura de Tutmósis. Só há um problema – o texto declara explicitamente de que modo a experiência é útil a alguém que está *vivo*: «É bom para os mortos ter este conhecimento, mas também para a pessoa na Terra... Quem entender estas imagens misteriosas

é um bem dotado ser de luz. Essa pessoa pode sempre entrar e sair do Outro Mundo. Falando com os vivos. Provado como verdade um milhão de vezes.»¹



Tutmósis III.

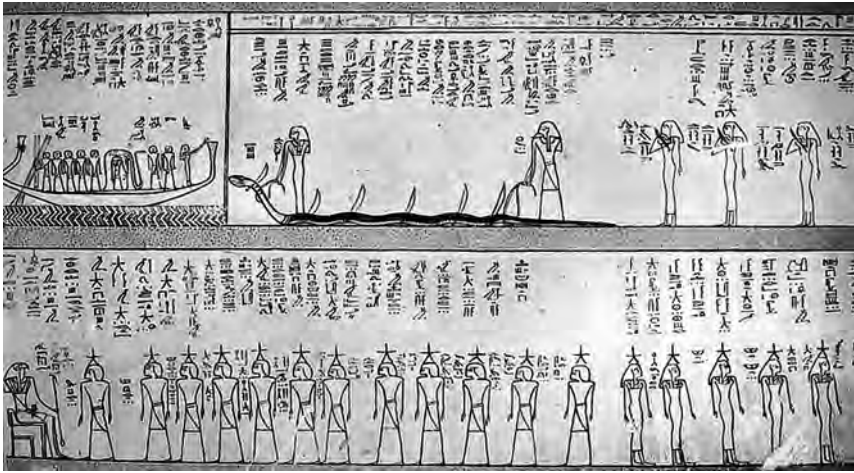
Depois há o túmulo em si, invulgar, no mínimo:

- Inclui um poço, característica redundante para um morto.
- O seu elemento central é um sarcófago oval de superlativa perfeição; contudo, a múmia de Tutmósis foi encontrada no templo de Hatshepsut, onde o faraó construía um templo mortuário para si.
- A câmara principal está alinhada a nordeste, a direção associada à iluminação e sabedoria na filosofia esotérica.
- O texto completo do *Amduat* é o primeiro do gênero no Vale dos Reis; porém, apesar dos feitos extraordinários do faraó, foi pintado no reboco num estilo simplista, incaracterístico de um governante da sua magnitude.

Muito estranho deveras.

Para entender os antigos egípcios, é preciso pensar como eles. Tinham uma crença inabalável de que tudo o que existe no plano físico é um espelho dos processos a decorrer no metafísico. O que acontece

em cima acontece em baixo. Consequentemente, muitos dos seus escritos possuem dois significados: um literal e outro alegórico ou metafórico. Mas quando os arqueólogos vitorianos viram inscrições a cobrir as paredes da sepultura de um faraó, interpretaram-nas como servindo um propósito funerário, pois, do seu ponto de vista, essas câmaras subterrâneas foram tomadas pelo que eram: repositórios para os mortos, apesar das repetidas ausências de provas de inumação, ou casos de múmias encontradas noutra local – como no de Tutmósis III.



Fragmento do Tratado da Câmara Oculta.

Para os egípcios, contudo, um túmulo era considerado um local de repouso, mas não necessariamente o *derradeiro* lugar de repouso de um faraó. E, do mesmo modo, vivenciar o Outro Mundo não requeria que uma pessoa estivesse morta. Mais propriamente, as provas demonstram que, após ser submetido a um rito de iniciação secreto, o candidato era erguido de uma experiência uterina e proclamado como «levantado dos mortos».

Foi este o conceito por trás da ressurreição em vida, e não estava limitado às crenças egípcias. Foi entendido por escolas de mistérios, seitas esotéricas e sociedades xamânicas de todo o mundo, da China ao Arizona. Gnósticos da primeira era grega descrevem este ritual sagrado como uma experiência que revelava aos seus praticantes visões sobre a natureza da realidade. O autor de um evangelho gnóstico intitulado *Tratado sobre a Ressurreição*, de inícios do século II, mostra-se

categorico: «Não presumam que a ressurreição é produto da imaginação. Não se trata de uma fantasia; mas sim de algo real. Em vez disso, dever-se-ia afirmar que o mundo é uma ilusão, em lugar da ressurreição.»² O autor anónimo prossegue explicando que viver normalmente uma existência humana é viver uma morte espiritual, mas é no momento em que uma pessoa experimenta a ressurreição em vida que descobre a iluminação. «É... a revelação do que existe... e uma transição para a novidade»,³ e quem fosse exposto a isto enquanto vivo tornava-se espiritualmente desperto.

Tal conceito está em desacordo com o modo como a ressurreição veio a ser retratada, sobretudo após a ascensão do catolicismo. De facto, um texto do mesmo código, o *Evangelho de Filipe*, ridiculariza os cristãos ignorantes que acreditam literalmente que um corpo físico pode ser ressuscitado depois de morto.⁴

Então, como experimentavam as pessoas a ressurreição em vida? Porque escolhiam tantas submeter-se ao seu rigoroso ritual? O que esperavam ganhar no quotidiano ao erguerem-se de entre os mortos? E porque foi esta filosofia banida e os partidários assassinados aos milhões pelas forças religiosas dominantes?

Capítulo 2

O MITO DA RESSURREIÇÃO

Muito do nosso atual entendimento do verdadeiro significado da ressurreição está envolto em feliz ignorância ou superstição. Mas não devemos ser duros para conosco, pois a superstição é o que resta depois de o entendimento original de um conceito se ter perdido com o tempo. E, no que toca a conceitos, a «ressurreição em vida» existe há bastante mais tempo do que imaginamos.

Em tempos, foi vista como um ritual sagrado cujas tradições eram zelosamente guardadas por iniciados da maior integridade moral. A admissão nas suas práticas internas era um privilégio alcançado por poucos, e esses viam a experiência como o pináculo do seu desenvolvimento espiritual. Depois, há cerca de dois mil anos, a história tornou-se distorcida e obscura. Portanto, onde e como tomou o sentido errado?

No século I, uma nova religião foi levada para Roma, com um homem chamado Yeshua ben Yosef a ocupar o papel principal de herói ressuscitado. Mas a história não se saiu bem com uma população há muito acostumada a erguer os seus heróis e governantes em pedestais e a deificá-los. Tão-pouco pegou com os gnósticos da Grécia, Ásia Menor e Egito, que, até àquele ponto, consideravam Jesus um mero mortal; criam igualmente que nunca fora crucificado, menos ainda reencarnado da morte física. Os principais proponentes destas visões «heréticas» foram o bispo Marcião de Sinope, Valentim de Alexandria, e outro estudioso dessa cidade iluminada,

Basilides, que escreveu vinte e quatro comentários aos evangelhos e afirmou que a crucificação era uma fraude – que um substituto chamado Simão de Cirene tomou o lugar de Jesus. Manuscritos redigidos talvez no espaço de um século após o tempo de Jesus, e redescobertos junto ao Nilo em Nag Hammadi em 1945, assim o afirmam. Um deles – *Segundo Tratado do Grande Seth* – é particularmente condenatório, pois cita Jesus a descrever a crucificação na primeira pessoa: «Eu não morri na realidade, mas em aparência, para não ser por eles envergonhado... Pois a minha morte, que eles julgam ter acontecido, sucedeu-lhes a eles no seu erro e cegueira, já que pregaram o seu homem até à morte... Foi outro, o pai deles, quem bebeu o fel e o vinagre; não fui eu... foi outro, Simão, quem carregou a cruz ao ombro. A quem puseram a coroa de espinhos... E eu ria-me da sua ignorância.»¹

Até já no século VII, o Alcorão defendia o mesmo argumento.

*E a sua falsa alegação de que mataram o Messias, Isa, o filho de Maryam, o Mensageiro de Alá, quando na verdade nunca o mataram nem o crucificaram, mas pensaram tê-lo feito. E os que contestavam o seu destino encontravam-se, eles mesmos, num estado de incerteza quanto à veracidade do incidente; a sua crença baseava-se num conhecimento vazio e a sua suposição era fundada em razões notoriamente insuficientes, pois de facto eles não o mataram, mas, não obstante, a culpa residia na intenção.*²

O mais condenatório é o facto de o debochado papa Leão X ter admitido que a história de Jesus era um mito, no que deve classificar-se como das maiores gafes da história: «Todas as eras podem testemunhar quão lucrativa aquela fábula do Cristo foi para nós e para a nossa companhia.»³

Ainda assim, uma visão literal da crucificação e da ressurreição foi subsequentemente impulsionada pela Igreja Católica Romana, cuja autoridade se apoiava na experiência da regeneração milagrosa de Jesus após a morte por um pequeno grupo fechado de apóstolos, e na posição de incontestável autoridade que o acontecimento supostamente lhes conferiu. Dado que Pedro, o apóstolo, foi a primeira testemunha, e que o papa lhe veio a retirar a autoridade – com base

em Pedro ter sido proclamado primeiro bispo de Roma, apesar de total ausência de provas⁴ –, claro que era do melhor interesse da Igreja promover uma interpretação literal do tema da ressurreição. A posição foi, sem dúvida, auxiliada pela incompreensão do apóstolo Paulo de como Jesus fazia os mortos voltar à vida, para não falar da sua falta de entendimento do ritual de ressurreição em vida secretamente feito pela Igreja de Jerusalém. Lembrem-se, a Igreja de Jerusalém era governada por Tiago, *o Justo* – irmão de Jesus –, um homem que teria conhecimento dos ensinamentos secretos, enquanto Paulo nem sequer conheceu Jesus. A Primeira Epístola aos Coríntios quase deixa escapar o segredo quando observa que Paulo estava «decidido a nada conhecer além de Jesus Cristo, e este crucificado». ⁵ Por outras palavras, que Paulo procurava negar a existência de mitos anteriores de deuses-homens ressuscitados já estabelecidos por todo o mundo antigo. Paulo meteu-se então num buraco ainda mais fundo, ao professar que o conhecimento espiritual é uma vaidade criada pelo diabo – dificilmente a posição tomada por um homem com verdadeiro entendimento da doutrina espiritual.⁶

Assim, a população da Europa sofreu uma lavagem cerebral para aceitar a ressurreição como um milagre literal vivido apenas por Yeshua ben Yosef após ter sido pregado numa cruz, morrido fisicamente e ressuscitado três dias depois; contrariando as leis da natureza, e até a posição pessoal de Jesus!

Esta viragem nos acontecimentos não sucedeu de um dia para o outro. Para o novo culto de Jesus, o Deus, para suplantar os velhos deuses, precisava de ser deificado e tornado aceitável ao povo do mundo romano e mais além; tinha de ser visto como possuindo poderes sobrenaturais semelhantes. Portanto, à semelhança de deuses rejuvenescidos dos egípcios, persas, fenícios e gregos – Tamuz, Adónis, Átis, Zeus, Osíris –, fizeram Jesus atravessar para o Outro Mundo e reemergir triunfantemente como um deus ressuscitado.



Manuscrito de Cobre.

Mesmo retirando as maquinações políticas por trás desta história, resta o equívoco fundamental de «ressuscitar os mortos». Os cultos gnósticos defendiam que tal termo nunca deveria ser levado à letra. Para as antigas ordens sagradas, era uma descrição figurativa de um ritual apenas revelado aos iniciados nas artes esotéricas. E enquanto o dogma católico sustentava que a sobrevivência da alma só é possível após a morte física (ou depois do fim do mundo), todos os outros partilhavam do entendimento comum de que a ressurreição devia ser atingida enquanto vivo, um ponto inequivocamente realçado pelo suprimido *Evangelho de Filipe*: «Aqueles que dizem que morrerão primeiro e depois ressuscitarão estão enganados. Se não receberem a ressurreição enquanto vivem, quando morrerem, nada receberão.»⁷

Por outras palavras, os que acreditam numa interpretação literal da ressurreição estão a confundir uma verdade espiritual com um evento real; Filipe descreve o cristianismo fundamentalista como «a fé dos tolos».

Os gnósticos desse período compreendiam melhor os mistérios do que as ordens religiosas ortodoxas. O conhecimento que haviam adquirido em segredo ao longo de séculos dizia respeito a uma experiência interior de Deus. Podiam reivindicar a experiência e, portanto, uma autoridade que ultrapassava a dos apóstolos e sucessores. Isto representava um grande perigo para a autoridade da Igreja, uma preocupação expressa por Ireneu, pai da teologia católica: «Ninguém se lhes pode comparar na grandeza da sua gnose, nem sequer mencionando Pedro ou Paulo ou algum dos outros apóstolos... eles mesmos descobriram mais do que o apóstolo.»⁸

Isto teria sido apenas a opinião de Ireneu, não tivesse o *Apocalipse de Pedro* – outro evangelho de Nag Hammadi – vindo também à luz para fragilizar a posição da Igreja. Neste relato, Jesus «ressuscitado» explica a Pedro, «aqueles que se apelidam de bispo ou diácono, e agem como se tivessem recebido a sua autoridade de Deus, são na verdade canais sem água. Embora não compreendam o mistério, gabam-se de que o mistério da verdade apenas a eles pertence. Interpretaram mal o ensinamento daquele apóstolo e montaram uma igreja de imitação, em vez da verdadeira irmandade cristã».

Portanto, aqui temos o problema fundamental: os gnósticos ofereciam a cada iniciado uma experiência direta de Deus por via de um ritual de ressurreição em vida, enquanto a Igreja alegava que a ressurreição da alma só podia ser alcançada se canalizada através dos seus serviços. A partir deste ponto, a tradição secreta praticada pelos gnósticos e por outras ordens esotéricas foi classificada como herética devido a motivos puramente políticos.

Todavia, o conceito de ressurreição em vida sobreviveu entre os cristãos gnósticos e as tradições gregas, tal como em tempos fora praticada por seitas como sabeus, mandeus, maniqueus, nazoreanos e, em particular, a comunidade essénia de Jerusalém, que escreveu sobre isso em rolos de cobre, que deliberadamente esconderam em grutas em Qumran pouco antes de os romanos saquearem o seu templo. Graças a dois curiosos pastores de cabras, esses escritos foram descobertos em 1947.

O *Manuscrito de Cobre* descreve de que forma a imersão nos segredos dos mistérios levava ao derradeiro ritual de ressurreição dos mortos, conduzido em câmaras secretas sob o monte do Templo. De facto,

um dos edifícios mais importantes descritos no pátio interior do templo é a Casa do Tributo, cuja entrada era ainda conhecida, no século 1 a. C., como o Portão da Oferenda. Erguia-se numa plataforma de pedra, na qual estava inserida uma laje de mármore que se podia levantar através de um anel fixo de metal, revelando a entrada para uma caverna funda. Um lanço de escadas conduzia a uma passagem subterrânea e à Câmara de Imersão, onde eram praticados rituais de purificação. Estas cerimónias são validadas nas primeiras escrituras, como no *Livro de Ezequiel*, que literalmente descreve como os anciãos de Jerusalém «tomavam parte em mistérios secretos... de origem egípcia» nas trevas sob o Templo de Salomão, e refere-se à câmara secreta usada para a iniciação como «a câmara nupcial».



*Divina Virgem Semíramis
com o bebé Tamuz.*

As cerimónias de ressurreição em vida realizadas pelos essénios e outras seitas do Próximo Oriente até à era cristã eram uma continuação dos rituais transmitidos mil e quinhentos anos antes das tradições do faraó Seqenenre Taá em Luxor.⁹ E mesmo essas eram encenações de cerimónias idênticas que recuavam a mais dois mil anos, altura em que surge o conceito de um grupo interno de iniciados, definido como «os vivos», que se distingue das pessoas normais, «os mortos».

No templo de Edfu, há a descrição de um ritual chamado «levantamento» ou «erguer», cujo conhecimento era transmitido apenas a uns poucos selecionados no seio do templo interior. A iniciação era conduzida em câmaras subterrâneas, muitas das quais ainda estão acessíveis através de passagens escondidas no interior das paredes ocas de Edfu. Foi este ritual que continuou a ser praticado pelos essénios e pela Igreja de Jerusalém até aos seus últimos dias.

Não admira que, quando pessoas como João Batista e Yeshua ben Yosef entraram em cena, os ensinamentos que professavam mal tenham causado algum pestanejar. De facto, foram acolhidos com espanto por uma população há muito acostuada a que tais conhecimentos secretos fossem proscritos pelos rabis de Jerusalém ou pelos romanos.

O veículo através do qual o conceito de ressurreição em vida era transmitido chamava-se *Mistérios* ou *o Conhecimento*. Como as parábolas ensinadas nos primeiros círculos cristãos, os Mistérios eram divididos em dois grupos: os Mistérios Menores levavam os candidatos numa aprendizagem conceptual da ressurreição em vida. Os Mistérios Maiores consistiam na verdadeira experiência, envolvendo uma morte voluntária, seguida de uma lenta recuperação, e eram ensinados apenas a um grupo selecionado. O iniciado era colocado num túmulo figurado e a consciência conduzida para fora do corpo; nesse estado alterado, ele passava para o Outro Mundo e deambulava pelos seus reinos. Após descobrir o verdadeiro lugar e natureza da sua alma, o iniciado regressava, convicto da sua imortalidade, para enfrentar sem medo a aparente tirania da morte física, pois ele já experimentara o Paraíso e estava portanto livre.

É um grande benefício. Não admira que o *Evangelho de Filipe* insista: «Enquanto existimos no mundo, devemos adquirir a ressurreição.»¹⁰

Familiarizado com os segredos ensinados pelos essénios e os nazo-reanos, também Jesus mantinha uma estrutura dualista: «A ti é dado conhecer os mistérios do reino de Deus, mas a quem não o tem, todas estas coisas são feitas em parábolas.» À maioria, oferecia ensinamentos simples, mas aos que iniciou no seu grupo interno – os poucos – era dado conhecimento secreto. Nos textos de Nag Hammadi, Jesus refere-se constantemente ao reino de Deus como um mistério interior, em vez de um lugar físico, largando pistas aqui e ali de que irá transmitir, em segredo, «o que nenhum olho viu e o que nenhum ouvido ouviu e o que nenhuma mão tocou e o que nunca ocorreu à mente humana».¹¹ Quando os membros da irmandade interna entendessem estes ensinamentos, eram declarados «ressuscitados».

Os rituais e processos por trás da ressurreição em vida raramente passavam a escrito; eram lembrados usando extraordinários feitos de memória e comunicados verbalmente apenas aos candidatos que tivessem passado longos períodos de estrita observação. Quaisquer textos sobreviventes com respeito aos segredos dos Mistérios indicam que estes consistiam numa experiência direta do mundo espiritual, exigindo a suspensão da vida física normal, incluindo a consciência desperta do indivíduo, um conhecimento das forças da natureza e um encontro com forças elementares incluindo deuses e as almas de

antepassados. Os primeiros filósofos, como Platão, explicam como estes «deuses» eram de facto forças ocultas vinculadas à natureza – forças suprarracionais e transcendentais que não podem ser racionalizadas apenas pela contemplação mental.

Nos rituais egípcios mais antigos, isto envolvia a travessia do limiar da morte para que o iniciado se observasse enquanto espírito no mundo do espírito. Passava-se pela experiência de morrer, mas só metaforicamente, um desmembramento do mundo material e uma redução do corpo físico tanto quanto era possível alguém despir-se da bagagem física para permitir à alma viajar para melhores dimensões. Foi a relação entre o indivíduo e estas forças inatas que formou a ciência sagrada egípcia da *heka*, aquilo a que os europeus vieram a chamar magia.

Os Mistérios indicavam uma verdade sagrada – que só palavras e imagens são incapazes de representar, mas cuja validade se podia entender através de uma «subida ao céu» ritual. E o método através do qual isto se conseguia chamava-se *iniciação*.



Cerimónia do levantamento, Babilónia.